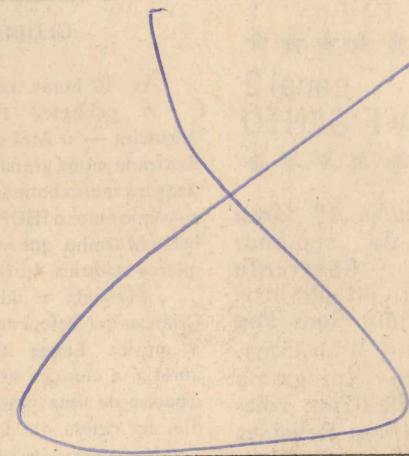




O prefeito garante que em um ano a praça, com fonte luminosa e TV a cores, "será um bosque"

## AFONSO CLÁUDIO



### A cidade quer segurança

"Cuidado, não se afaste muito da cidade sozinho! A barra é pesada".

A advertência voltou ao pensamento quando cheguei a Afonso Cláudio, na manhã de um domingo ensolarado, e percorria as ruas de carro, em direção ao hotel Custódio, o único na cidade. Em segundos rememorei histórias angustiantes que havia ouvido de várias pessoas em Vitória. Nelas misturavam-se supostas ações de um delegado violento — que teria enriquecido rapidamente — com um recrudescimento da criminalidade. Mas, no fundo, eu conservava uma ponta de descrença. As ruas tranquilas e semidesertas contribuíam para aumentar a dúvida. Afinal, é uma cidade agradável e seus habitantes não parecem melhores ou piores que os de qualquer outra localidade. Pouco depois eu começaria a enfrentar as primeiras dificuldades.

- Você veio para o jogo? perguntou-me uma senhora de meia-idade, simpática, na pequena sala de espera do hotel.
- Não. Foi para fazer uma reportagem sobre a cidade.
- Eu não quero me envolver em nada. Esse negócio de jornal dá problemas, justificou-se, escapando em seguida.

#### Renato Viana Soares

Máquina fotográfica e gravador na mão, consegui localizar alguns endereços para iniciar um trabalho que duraria dois dias. Mais tarde, na hora do almoço, abandonei o gravador no hotel. Era um instrumento inútil, que intimidava ainda mais alguns entrevistados. A máquina fotográfica só serviria para registrar o jogo Botafogo x Ipiranga, rivais tradicionais que há 15 anos não se enfrentavam, além de alguns flagrantes da cidade. Poucas pessoas permitiriam ser fotografadas.

Em uma casa perto da praça, um senhor moreno me mostra a cópia de uma carta anônima, ameaçando de morte o promotor Carlos Ilibéré Rezende Castro Caiado. Ele andou distribuindo, inutilmente, algumas fotocópias para tentar

Uma faixa azul e branca anuncia: "Ipiranga, força selvagem do coração". O juiz, Alvaro Aparecido Pedro, da Federação, apita o início da partida, evita marcar um pênalti para cada lado, e o Botafogo vence limpamente por 2 x 0.

Ando por todos os lados do campo à procura da anunciada violência. A PM, ao que parece, acreditou: dezenas de soldados foram dispostos a intervalos regulares, armados de revólveres e cassetetes, atrás e na frente da torcida. Os torcedores parecem alheios à situação. Brincam, gritam, desafiam para apostas. Onde estaria a violência? No final, não houve mais que dois casos de embriaguez, com início de briga. Pouco, para tantos revólveres.

A torcida do Botafogo faz um carnaval quando o time dá volta ao campo com a taça na mão. Depois, sai comemorando pelas ruas, cantando e buzinando os automóveis. A festa duraria até tarde. Os torcedores do Ipiranga, time que ficou muito tempo sem jogar, reconheciam que "o time tem que melhorar".

Data: 30 de Junho de 1981.

mentaramos promotor de Justiça da comarca de Afonso Cláudio em primeiro lugar com o meu cadáver e com o meu corpo de seu amigo foi meu son Botafogo a mais nome pois se foi Vou deixar tempo calmo o caso é o seguinte, não é porque não é preciso de o que se necessita é para Votado e não se desvia de uma comissão de o estado não desidia o caso dos que não são de trabalho e todos de um trabalho e não com esta grande coisa com o preso não se com o preso não como mais alto por si e fim de sua vida seria em Afonso Cláudio. In the center of the page, there is a small, illegible handwritten note or document, possibly a threat or a letter mentioned in the text.

O promotor tentou identificar o autor da carta anônima que o ameaçava de morte. Não conseguiu

Reconhece, porém, que mais pessoas estariam hoje se armando. Mas atribui o fato à televisão, "pelo que se vê fora daqui. Mas sou a favor que as pessoas tenham uma arma para se precaverem do que vemos por aí". De repente, entra no gabinete o tenente José Carlos Fiorido, forte, 30 anos, natural de Castelo. — Estão espalhando que você é violento, brinca Leni. Evidentemente, o tenente Fiorido desmente as versões que circulam na cidade. Garante que não tem quatro fazendas, obtidas depois que assumiu o cargo de delegado. — Dou a metade para quem descobri-las, desafia sorrindo. Tenho apenas uma em Afonso Cláudio, de sete alqueires, terra requerida do Estado, que comprei os direitos.

Para ele, o crime em Afonso Cláudio está relacionado com as safras. E seria produto dos gastos com cachaça na porta dos botecos. Admite que prendeu o jovem

Várias gavetas estão cheias de revólveres, garruchas e facas, além de dezenas de espingardas, foices, enxadas, veneno e chumbinho, amontoados em um canto. Do outro lado, estão centenas de processos empilhados em uma prateleira improvisada. O Afonso Cláudio informa que a Prefeitura estaria aguardando apenas a liberação de uma verba de Cr\$ 2 milhões para reformar o fórum da cidade, melhorando as condições de trabalho da Justiça. O juiz Romulo Tadey, logo que chegou para Afonso Cláudio, pensou em desativar a comarca. — Muitas pessoas receiam de vir ao fórum porque gostariam de manter segredo. Mas eu quero que todos voltem a confiar na Justiça e não procurem resolver suas desavenças com as próprias mãos, pede. O escrivão do crime, Duarte Manso Sá, fica visivelmente irritado quando o juiz permite que as armas a serem destruídas sejam fotografadas. Para ele, isso daria uma imagem ruim de Afonso Cláudio.

entificando a letra do autor. Comunicou o fato ao procurador-geral da Justiça e aumentou o seu seguro de vida para Cr\$ 18 milhões.

— Cuidado. A gente está vivendo um sufoco. Até as pessoas de bem estão se armando, sublinha com ênfase.

Afonso Cláudio está incluído na microrregião Colonial Serrana Espírito-Santense, um a área do centro-sul do Estado, constituída por vales profundos que separam serras de até 800 metros de altitude — que um dia foram recobertas pela mata tropical, hoje devastada. Seu povoamento decorreu da expansão de núcleos coloniais de imigrantes alemães e italianos, que exploravam café nos vales do Jucu e Santa Maria. O Censo de 1980 registrou uma população residente de 48.269 habitantes (24.693 homens e 23.576 mulheres). Em 1970 a população recenseada foi de 47.742 habitantes.

O jornal da prefeitura, O Afonso Cláudio, ainda intitula o município como a "capital estadual do milho" e destaca a "pedra dos Três Pontões como o seu símbolo paisagístico. Nas últimas décadas, a região começou a produzir a pecuária de corte e, mais recentemente em, hortigranjeiros e avicultura. A ligação à Capital através da BR-262 facilitou a nova atividade. Porém, os cafezais voltaram a avançar, reduzindo a produção hortigranjeira entre 1970 e 1975.

— É um município rico. Pode produzir tudo, garante o médico João Eutrópio, afável, com uma aparência bem mais jovem do que seus 70 anos.

O Dr. Eutrópio está há 47 anos em Afonso Cláudio, onde já fez mais de 15 mil partos, nos vários distritos do município. Prefeito duas vezes, ainda pode voltar a ser o candidato do PDS (que se divide em duas facções hostis) nas próximas eleições. Com voz pausada, numa sala do hospital — sua atenção não se desliga de um parto que o espera — ele explica que o problema da violência estaria saneado em parte.

— Não há mais o crime premeditado, de tocaia, com pistoleiros contratados. Agora é a cachaça. Quando cheguei aqui, fiquei horrorizado. Havia brigas e mortes de famílias, guerras entre ladrões de cavalos. Os velhos coronéis resolviam as suas desavenças a bala, acentua o médico.

A longa fronteira com municípios violentos de Minas Gerais favorecia os jagunços, que se escondiam nas matas de Afonso Cláudio. Alguns fazendeiros violentos contratavam seus serviços para resolver questões de terra ou de honra de família. O dr. Eutrópio estuda as palavras menos agressivas possíveis para situar o problema hoje, mas reconhece: de algum tempo para cá, a criminalidade voltou a crescer.

— As vezes é um crime bárbaro, mas o criminoso é preso hoje e sai amanhã. Ou nem preso é, sublinha.

A questão se resumiria a manter os criminosos na prisão?

000

Tarcisinho, subgerente do Varejo dos Tecidos, de bermuda e descalço, corre de um lado para outro com um rádio-gravador na mão, entrevista os jogadores e, logo depois de um foguetório extraordinário, anuncia que o Botafogo entrou em Campo com Raimundo, Desio, Serginho, Kenedy e Tuica; Geraldo Luis, Carlinhos e Sileu; Ila, Madeira e Célio. A charanga explode em samba e agita bandeiras gigantescas, preta e branca, com a estrela botafoguense, reafirmando sua posição de maior torcida da cidade.

Pouco depois Tarcisinho volta a anunciar para a fita magnética ("ficará como recordação") que o Ipiranga vai iniciar com Rubem, Zé Coco, Júlio, Fernando e Edjaz; Tarcísio, Zé Pinho e Nego; Conjica, Pastor e Casper. Novo foguetório.

000

— A população não é violenta. São trabalhadores como em qualquer outro lugar. Eu responsabilizo a ação do prefeito por essa situação. Ele intervém para soltar criminosos. Só o pobre fica preso, afirma Luiz Renato Deorce, ex-candidato a vice-prefeito.

Renato Deorce é o atual presidente da Comissão Provisória de organização do PMDB no município. A primeira vez que uma caravana de deputados oposicionistas foi a Afonso Cláudio, no ano passado, teve todos os pneus de seus carros furados com pregos de ponta afiada. O crime, considerado "brincadeira maldosa" pelo prefeito, permanece insolúvel.

A advogada Dalza Affonso Barbosa, vereadora do PDS, ex-líder do prefeito na Câmara Municipal, concorda que a ação do prefeito Leni Alves de Lima não seria das mais felizes. Mas identifica também causas sócio-políticas na origem da nova onda de criminalidade.

— Não é a mesma coisa que antigamente. Há uma revolta. O povo está muito oprimido. Mas tem gente querendo se aproveitar da situação para enriquecer, alerta.

Em março de 1979, durante um júri, o promotor Itiberê Caiado denunciou a série de 12 julgamentos que se seguiriam como a "pauta dos coronéis do café". Isso porque todos os criminosos tinham advogados contratados. E eles não podem pagar, adverte um advogado que pede para não ser identificado. Ou seja, o sistema que o dr. Eutrópio julga sepultado ainda teria alguns remanescentes. Numa parte, ele estava certo: os presos condenados saiam do fórum direto para a rua. Alguns iam trabalhar em fazendas, outros até em municípios vizinhos, sem cumprir a parte proporcional da pena ou mesmo serem recolhidos à noite, como determina o sistema de prisão albergue.

Em 1978, por exemplo, todos os presos estavam soltos, independente das penas a que foram condenados. O juiz Carlos Roberto Mignone começou a modificar a situação. Recentemente, o austero juiz Romulo Tadey mandou recolher os condenados à penitenciária, mas teve que montar a operação em sigilo — como interpreta um advogado. Mesmo assim, um dia antes da transferência, Carlito Wagmaque, condenado a 11 anos e 8 meses por homicídio, conseguiu escapar. Depois de condenado, ele casou e trabalhava em um posto de gasolina em Venda Nova.

Ninguém sabe como Carlito fugiu. Alguns segredam que a patrulha que o transportaria a Vitória teria levado de volta a chave da cela que ele mandou entregar ao delegado, tenente José Carlos Fiorido. O certo é que Wagmaque tomou o táxi do Nécio (também dono do Bar Gonçalves) para fugir e pagou a corrida com um cheque de Cr\$ 3 mil, sem fundos, que agora está nas mãos do delegado. De acordo com vários testemunhos, o tenente Fiorido não teria tomado providências para recapturar o foragido, o que foi providenciado pelo comandante do quartel da PM local.

Outro criminoso perigoso, Nivaldo Ferreira de Souza, serrou as grades da cadeia e fugiu. Deixou três bilhetes: um elogiando a compreensão do delegado; outro ao juiz, alertando que estava nascendo o pistoleiro; e um terceiro ameaçando o promotor. Mas nem todos os presos elogiam o tenente Fiorido.

Uma carta assinada por oito presos, datada de 21 de dezembro de 1981, reclama de maus tratos e denuncia a situação de privilégios que estaria vivendo o subdelegado de Brejetuba, Sérgio Lucas dos Reis, acusado de matar a pancadas o trabalhador rural João Tomé, preso no dia 23 de outubro do ano passado quando foi à sede do distrito registrar o nascimento do seu nono filho. João Tomé, nesse dia, recebeu do seu patrão Cr\$ 100 mil que ninguém sabe onde foram parar.

No dia 29 de dezembro, o promotor Itiberê Caiado apresentou no fórum um novo crime de Sérgio dos Reis. O trabalhador Agostinho ficou aleijado em virtude de um tiro que recebeu na perna. O promotor requereu então, ao juiz, que solicitasse ao secretário de Segurança um delegado especial para apurar o fato. Porém, o tenente Fiorido, no início de janeiro, mandou buscar Agostinho para ser ouvido. O juiz não permitiu, atendendo sua advogada Dalza Barbosa, que ficou encarregada de sua custódia.

O general Parente Frota respondeu a solicitação do juiz anexando uma cópia do inquérito do tenente Fiorido, datado de 2 de dezembro, sobre um fato onde não há declarações da vítima nem o auto de corpo de delito.

Posteriormente, quatro condenados afirmaram em juízo que o trabalhador rural Sérgio dos Reis já havia sido preso quatro vezes e, na prisão, "dava parte de doído". Isso reforçaria a tese — desmentida pelo laudo médico — de que Sérgio teria se suicidado batendo com a cabeça na grade e com a nuca na parede... O promotor perguntou se essas prisões haviam sido comunicadas ao escrivão do crime. Como não haviam, pediu, então, novamente, um delegado especial para apurar as responsabilidades do tenente Fiorido.

Um advogado garante que o delegado Fiorido cobraria cheques pré-datados ou sem fundos para alguns amigos. Mas se esquivava de apresentar algum caso concreto. No início do ano, porém, ele mandou um bilhete para Ison de Oliveira, técnico de televisão, chamando-o de "safado", e ordenando que devolvesse imediatamente um aparelho de TV. Ele já havia prendido Ison de Oliveira quatro vezes, sem nota de culpa. O juiz Roberto da Fonseca Araújo concedeu um salvo-conduto para garantir a "liberdade de locomoção" de Ison, ressaltando que "a prova cabal da coação é o bilhete da autoridade policial". A sentença é do dia 6 de janeiro deste ano.

Há outros casos interessantes. No início de outubro do ano passado, os motoristas Atalde Saiger e Nelson D'Ávila Correa alugaram o caminhão Mercedes Benz do vereador (PDS) Waldemiro Seibel. O veículo foi roubado no Rio de Janeiro. O tenente Fiorido movimentou a Polícia do Rio — logo que foi procurado pelos motoristas e pelo prefeito.

— Com a sabedoria do delegado — afirmou o vereador — consegui um documento do cidadão, dando garantia de encontrar o caminhão dentro de 30 dias, senão ele mesmo pagaria a quantia de Cr\$ 2.500 mil.

Muitos dizem que o delegado forçou o motorista a assinar o incrível documento, servindo ainda de testemunha. O vereador nega que tenha havido qualquer coação, mas na sessão da Câmara Municipal do dia 7 de outubro passado requereu um "registro de agradecimentos" ao delegado. O requerimento não chegou a ser votado. Foi retirado.

Em janeiro deste ano, o tenente Fiorido prendeu um rapaz de 17 anos, de sobrenome Zumach, descendente de alemães, que tinha um conflito de terras com o fazendeiro Julio Welten. Comentase que o jovem não queria vender suas

terras e cortou as cercas de arame farpado que fecharam o acesso à sua propriedade. Mas a advogada Dalza Barbosa garante que "não houve queixa formalizada contra o rapaz, nem flagrante nem nada". Além disso, a causa seria cível e não criminal, dispensando, portanto, naquele momento, qualquer ação do delegado, ainda mais em outro município.

— Não havia juiz na comarca e não me deixaram conversar com o rapaz. Exigi que o soltassem. As 18 horas ele passou no meu escritório, apavorado, só disse que estava livre, e nunca mais voltou aqui, conta Dalza.

Um trabalhador rural de Ibicaba de nome Ismael, confidenciou a um amigo que seu filho menor estava preso havia quase dois meses. Nesse período, teria feito muitas covas para plantar café na fazenda do tenente Fiorido.

— Por que ele não assume a denúncia?

Ele quem tem coragem?, argumenta o amigo de Ismael.

Em São Jorge, pequeno patrimônio do distrito de Ibicaba, José Braz Oliveira deu um tiro em Gilson Modesto, que conseguiu escapar, refugiando-se na casa de Abner Vitalino. José Braz invadiu a residência e acertou dois tiros em Gilson, que gastou Cr\$ 150 mil no hospital para se recuperar. A história foi contada pelo próprio José Braz, em um bar de Afonso Cláudio, na primeira quinzena do mês de fevereiro. Acrescentou que iria se apresentar ao delegado, mas que já havia conversado com o prefeito e nada haveria contra ele.

— E não houve mesmo. Ele já voltou pra casa. Quem vai mexer com isso num lugar onde tem gente misturando cachaça no copo com o cano do revólver?, comenta uma pessoa que estava no bar quando José Braz se vangloriava.

Um caso mais simples aconteceu com a filha do barbeiro Gigi. Ela foi denunciada como ladra por Pedro Spadetto e o delegado a prendeu imediatamente. Gigi revoltou-se com a injustiça e chegou a ser ameaçado. Pouco depois chegava Spadetto à delegacia para dizer que havia achado o dinheiro atrás da poltrona onde dormiu, depois de uma noite de farra.

Outros comentam violências na cadeia. Um grupo de senhoras, liderado por dona Amélia Gastin, levou almoço para os presos no Natal. Algumas senhoras ficaram chocadas com o estado de um homem. A explicação do policial foi simples: ele reagiu.

— Por que a Polícia nunca sai machucada nesses casos?, perguntou uma indignada senhora.

Leni Alves de Lima foi eleito prefeito de Afonso Cláudio pela primeira vez com apenas 22 anos, pelo antigo MDB. Agora, aos 37 anos, é prefeito pela sigla do PDS e pensa candidatar-se a deputado estadual. Sorridente, apresenta bem menos que os seus 37 anos. Sentado em uma poltrona no seu amplo gabinete, ele contesta as denúncias e garante que tudo não passa de intrigas. Ninguém provaria nada.

Reclama da falta de recursos para melhorar as estradas do município, justifica-se das acusações de que teria gasto muito para construir uma praça na cidade — cortando todas as árvores da antiga — e desmente a acusação de ter doado lotes a seus assessores.

— Só os funcionários mais humildes terão lotes da Prefeitura. Assim mesmo não poderão negociá-los, afirma.

Ele também não acredita que a violência tenha aumentado no município.

— Temos agora uma segurança efetiva, com uma companhia PM e subdelegados em todos os distritos. Até 1977 aqui só tinha nove soldados; agora, temos 70.

pomerano, mas argumenta que tinha autorização para tanto do delegado de Santa Leopoldina. E Zumach o teria ameaçado primeiro com uma pistola, sendo desarmado. Depois com uma garrucha, outra vez desarmado. Conseguiu escapar e apanhou uma faca, para ser novamente dominado.

— Era um problema de um direito de servidão que ele perdeu para um fazendeiro. Agora já está havendo um acordo, comenta.

O tenente Fiorido é também bacharel em Direito e não pretende cair "nas armadilhas que andam aprontando".

— O prefeito me deixa trabalhar a vontade. Sou independente e estou aqui em Afonso Cláudio porque gosto, conclui. Leni acrescenta que confia e apóia o trabalho do tenente Fiorido.

— Se eu soubesse de qualquer coisa contra ele, comprovada, seria o primeiro a pedir a sua exoneração, promete.

000

Em janeiro de 1981 houve 27 homicídios dolosos em Afonso Cláudio. Durante o ano, esse número subiu para 57. Houve um total de 69 crimes, além de 52 outros inquiridos. Uma atividade apreciável para um juiz e um promotor que trabalham, desde 1978, em um salão improvisado onde é difícil ou mesmo impossível manter o segredo de Justiça, em muitos casos. Só recentemente o juiz Romulo Tadey conseguiu separar um cômodo para receber as pessoas.

Tem uma imagem austera e garante que fará cumprir a lei no município, "do a quem doer". Sua ação enérgica, como a da transferência dos presos condenados para o Instituto de Readaptação Social, despertou simpatias e uma maior confiança na cidade. Agora, ele está catalogando todas as armas apreendidas e vai destruí-las (há muitos anos isso não era feito).



O Ipiranga voltou às atividades depois de vários anos parado



O Botafogo venceu fácil. A torcida se divertiu, sem brigas

uma imagem ruim de Afonso Cláudio. Pouco tempo depois, me confidenciariam que muitas armas apreendidas pela Polícia voltariam a circular na comunidade. Uma "batida bem feita na cidade encheria uma caminhonete de armas".

— Só ficam presas as garruchinhas e armas ruins, acrescenta Dalza Barbosa.

Antes de anoitecer, na segunda-feira, deixei Afonso Cláudio, de carro, sozinho. Não propriamente por medo de qualquer violência, mas porque a ligação com a BR-262 representa um perigo real para o trânsito. Nada menos que oito barreiras ocupam a metade das pistas; em quatro locais a erosão consumiu o asfalto, abrindo buracos em que cabe um carro.

Perto da Fazenda Guandu, por exemplo, numa descida, há uma enorme cratera. A placa de perigo está fincada a meio metro do buraco. Além disso, há afundamentos na pista em vários locais e em uns 20 lugares o asfalto está coberto por uma saliência da terra que escorreu dos barrancos.

O responsável pela residência do DER no município é o próprio vice-prefeito, Henrique Kefler. A situação chegou a tal ponto que o último número do jornal oficial da Prefeitura dedica uma página ao problema, denunciando a omissão do DER e de Kefler.

000

Na terça-feira, na redação, recebo um telefonema. Uma voz masculina diz:

— O subdelegado de Brejetuba tem outro crime. O filho do Chico Pedro foi morto na cadeia.

— Quem pode confirmar o fato?

— Sei que você fez uma reportagem em Afonso Cláudio. Cuidado! Lá ninguém pode falar.

E desliga.